

CONCORDÂNCIA VERBAL, DIFUSÃO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA NO CONTÍNUO RURAL-URBANO E MUDANÇA EM CURTO ESPAÇO DE TEMPO

VERBAL AGREEMENT, DIFFUSION OF LINGUISTIC CHANGE IN THE RURAL-URBAN CONTINUUM AND CHANGE IN A SHORT PERIOD OF TIME

Silvana Silva de Farias Araújo | [Lattes](#) | silvana.uefs.2014@gmail.com
Universidade Estadual de Feira de Santana

Raquel Meister Ko Freitag | [Lattes](#) | rkofreitag@uol.com.br
Universidade Federal de Sergipe

Resumo: O estudo de processos de mudança linguística em situações de transição possibilita observar efeitos de fatores sociais no condicionamento de regras da gramática. Para contribuir com os estudos de sintaxe diacrônica e sintaxe comparativa em perspectiva histórica, este texto explora o comportamento da concordância verbal com a terceira pessoa do plural em Feira de Santana-Bahia, considerando efeitos da sócio-história e comparando o comportamento da variável com outras comunidades na região com uma sócio-história diferente. Em uma abordagem de meta-análise, os resultados apontam fronteiras geográficas e sociais bem demarcadas quanto ao traço da concordância verbal padrão.

Palavras-chave: Concordância verbal. Meta-análise. Sócio-história.

Abstract: The study of linguistic change processes in transition situations enables to elucidate the social factors effects on grammar constraining. In order to contribute to the studies of diachronic syntax and comparative syntax from a historical perspective, this text explores the behavior of verbal agreement with the third person plural in Feira de Santana, Bahia. It considers the effects of the socio-history and compares them with other communities in the region with different socio-history. In a meta-analysis approach, the results point to well-demarcated geographical and social boundaries for standard verbal agreement features.

Keywords: Verbal agreement. Meta-analysis. Socio-history.

Introdução

A concordância verbal é um fenômeno variável no português brasileiro (PB) que atua como um marcador social, na medida em que é sensível à formalidade e à zona de residência dos falantes.¹ Um grande conjunto de estudos apontam evidências que sugere diferenças na fala de pessoas da zona rural em relação à de pessoas da zona urbana (RODRIGUES, 1987; VIEIRA, 1995; SILVA, 2005; LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009; ARAUJO, 2012, 2014), que embasam o fato de a ausência de marcas de número em formas verbais ser um dos traços caracterizadores da fronteira sociolinguística brasileira, que separa a fala culta da popular. A explicação é que os habitantes das zonas mais afastadas dos grandes centros tiveram, e ainda têm, menos acesso a instâncias que levem à aquisição de padrões linguísticos prestigiados.

Enquanto no início do século XX, a sociedade brasileira se configurava como majoritariamente rural, entre a década de 1940 e 1980, com um expressivo crescimento da população, deu-se uma inversão da distribuição populacional entre as áreas rurais e urbanas. Esse processo não ocorreu de forma organizada e síncrona: na região Nordeste, particularmente, a formação de centros metropolitanos ocorreu mais tarde do que no Sudeste. Uma destas formações é a cidade de Feira de Santana, na Bahia, que cresceu substancialmente nas últimas décadas, mas ainda conserva traços de suas origens fortemente ligada à cultura rural (BOAVENTURA, 1989; OLIVEIRA, 2016). Os contatos decorrentes de um processo de transição entre rural e urbano encontrado não só em Feira de Santana, mas em outras cidades de médio e grande porte em termos populacionais e de expansão tardia, em termos sociolinguístico, precisam ampliar a concepção dicotômica de língua, na oposição *norma urbana vs. norma rural*. A transição permite supor a existência de uma norma intermediária, que pode ser rotulada como *rurbana* (SOUTHALL, 1973; BORTONI-RICARDO, 1985, 2011).

O estudo de processos de mudança linguística em situações de transição é, ao mesmo tempo, produtivo, por contribuir de modo especial com a elucidação de efeitos de fatores sociais no condicionamento de regras da gramática, e desafiador, por conta da escassez e assistemática de dados linguísticos com informações que permitam o delineamento do perfil social do falante da língua. Para contribuir com os estudos de sintaxe diacrônica e sintaxe comparativa em perspectiva histórica, neste texto exploramos a concordância verbal com a terceira pessoa do plural em Feira de Santana, considerando efeitos da sua sócio-história e comparando o comportamento da variável com o de outras comunidades na região, cuja realidade sócio-histórica é distinta. Para tanto, nos valem

de “maus dados”: resultados de estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno, com diferentes metodologias de obtenção de dados. A fim de ampliar o poder explanatório para além da constatação das frequências, como ocorre em estudos de revisão narrativa, empregamos a técnica de meta-análise para consolidar resultados e poder comparar com maior segurança e amparo em técnicas de generalização estatísticas.

1 A polarização rural-urbano na perspectiva sociolinguística

O ambiente rural agrupa peculiaridades socioculturais que levam a que os seus padrões linguísticos e culturais sejam diversos dos urbanos. Por essa razão, desde a realização dos primeiros trabalhos que investigaram a diversidade linguística brasileira (a princípio, pelo viés dialetológico), era proclamada a urgência de serem realizadas descrições dos falares rurais, antes que a “modernização” produzisse a extinção de suas principais características (AMARAL, 1976).

As particularidades do falar rural em relação ao falar urbano relacionam-se às condições de formação da realidade sociolinguística brasileira, em que uma massa de pessoas sem instrução e arraigada a processos mais “tradicionais”, típicos de ambientes do interior, opunha-se a uma embrionária elite, mais ligada a hábitos “modernos”, estas mais próximas ao litoral, nos pequenos povoamentos urbanos.

Os estudos sociológicos brasileiros são unânimes em enfatizar a primazia da cultura rural no Brasil. Holanda (1963) afirma que, para se entender a realidade do Brasil-colônia, é importante considerar a diferença entre civilização de raízes rurais e civilização agrícola, destacando que a primeira foi o caso do Brasil, onde todos os trâmites políticos, sociais e econômicos existiam em dependência do meio rural, mesmo depois de proclamada a sua independência política:

É efetivamente nas propriedades rústicas que toda a vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia: as cidades são virtualmente, senão de fato, simples dependências delas. Com pouco exagero pode dizer-se que tal situação não se modificou essencialmente até à abolição. 1888 representa o marco divisório entre duas épocas; em nossa evolução nacional, essa data assume significado singular e incomparável (HOLANDA, 1963, p. 57).

A partir da extinção do tráfico daqueles que sustentavam as atividades rurais no Brasil, em 1850, ocorre uma onda de ações que introduzirão uma aparência urbana no país: a fundação do segundo Banco do Brasil e do Banco Rural, a criação de estradas e o uso de técnicas modernas agrárias. Consequentemente, incrementam-se medidas cita-

dinas, começadas após a vinda da Corte Portuguesa em 1808. Contudo, não serão facilmente apagadas as características rurais na sociedade brasileira, pois, além de serem poucos os centros urbanos, as primeiras ocupações burocráticas e profissões liberais foram exercidas por lavradores e donos de engenhos.

A urbanização criou um confronto entre os padrões citadinos, influenciados pela industrialização, e o meio rural tradicional, levando as cidades a assumirem uma posição de superioridade em relação à vida interiorana. Ao associar a dualidade rural-urbano com o repertório sociolinguístico das comunidades, Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2011) postula um aparato metodológico em que se delineiam três contínuos: o de urbanização, o de letramento e o de monitoração linguística. O primeiro, diretamente relacionado ao foco deste artigo, abrange as comunidades rurais mais isoladas até os grandes centros, estando entre esses dois polos, o que se estende por uma zona “rurbana”:

Todo falante do português do Brasil situa-se em um ponto determinado desse contínuo, mas pode movimentar-se em direção a qualquer dos pólos, dependendo de sua rede de relações sociais, sua inserção em práticas sociais letradas e participação no sistema de produção, bem como seu gênero, faixa etária e outros componentes de sua identidade social. O contínuo de urbanização permite ainda distinguir regras *variáveis* graduais, presentes ao longo de todo o contínuo, e *regras descontínuas*, características do repertório das populações situadas no pólo rural e na zona rurbana (BORTONI-RICARDO *et al*, 2008, p. 231, grifos nossos).

Os *traços graduais* ou *contínuos* dizem respeito aos usos igualitários de uma determinada variante por grupos sociais distintos, sendo, assim, traços que se espriam em diversas variedades da língua (dizer “cadera” em vez de “cadeira”, por exemplo). Enquanto os *traços descontínuos* ou abruptos referem-se a não igualdade de uma variante usada por diferentes grupos sociais (dizer “galfo” em vez de “garfo”, por exemplo). Os traços graduais são menos estigmatizados pela sociedade urbana, não gerando discriminação sob seus utentes.

Com a globalização, a realidade das comunidades rurais se modificou bastante, estando seus moradores, em sua maioria, expostos aos meios de comunicação de massa e frequentando instituições formais de ensino. Esse contato com outras normas leva a instâncias de variação nos diferentes níveis da língua, demandando o aprofundamento da investigação das influências sócio-histórico-culturais para a configuração linguística dessas comunidades em transição.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 33), “o êxodo rural promoveu, no plano linguístico, a conversão de uma ampla variação diatópica em uma profunda variação diastrática”. Sobre

o contínuo de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2011), Lucchesi (2015), pautando-se em resultados empíricos obtidos com dados da fala popular do estado da Bahia, propõem uma gradação de normas, que vai das comunidades mais isoladas, social e geograficamente, até as mais urbanizadas, estando a capital do estado, Salvador, funcionando como modelo de difusão de padrões linguísticos urbanos (Quadro 1).

Quadro 1: *Continuum* de variedades potenciais da norma popular brasileira no eixo rural-urbano

português afro-brasileiro
português rural
português popular rurbano do interior
português popular urbano do interior
português popular rurbano das grandes cidades
português popular urbano das grandes cidades

Fonte: Lucchesi (2015, p. 218).

Nos dias atuais, em face das profundas mudanças ocorridas na sociedade brasileira, em razão da diminuição das fronteiras geográficas e sociais, motivadas por fatores como construções de estradas, democratização do ensino, acesso a meios de comunicação de massa e acesso à internet, as chamadas “comunidades rurais afro-brasileiras isoladas” (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009) sofreram também mudanças em suas configurações, o que provavelmente gerou influências no vernáculo de seus moradores. Comunidades rurais afro-brasileiras apresentam, ainda, especificidades devido à sua sócio-história, no entanto, não são totalmente isoladas, demandando investigações para desvelar a real configuração do falar afro-brasileiro no século XXI. Para tanto, é necessário considerar traços como comunidades [± isoladas], [+ afrodescendentes], [+ africanizadas] e localizadas em municípios (microáreas) e regiões (macroáreas) que foram, nos períodos colonial e imperial, [+ escravocratas] (SANTANA; ARAUJO; FREITAG, 2018, 2018a), a fim de desvelar como se dão os contatos, os deslocamentos e a relação entre o português rural e o português afro-brasileiro.

A concordância de número é um dos fenômenos morfossintáticos variáveis do PB com a maior amplitude de estudos, seja quanto ao tipo de amostra, ao tempo, à região dialetal, o que nos permite afirmar que são os falantes não escolarizados e de zonas rurais mais afastadas dos padrões de urbanização os que mais utilizam variantes sem marcas de

número em formas verbais (LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009), independentemente da pessoa do discurso. Quanto ao nível de apreciação social (LABOV, 1972), a associação entre o traço linguístico da não concordância e o perfil de falantes pode ser considerado, nas comunidades urbanas, como um estereótipo, pois está no nível da consciência socio-linguística da comunidade como um traço socialmente estigmatizado.

A variação no uso da concordância verbal de número envolve usos em que a diferença entre as formas do singular e do plural é saliente no nível fônico, a exemplo de “eles foi” e “nós sabia”. Nesses contextos mais salientes, falantes da norma urbana culta podem notar mais facilmente a ausência do morfema de plural; ao contrário do que ocorre em outros contextos fônicos e sintáticos, como ocorre em, por exemplo, “eles estuda” e “chegou os livros”, algo que sugere que na variação da concordância verbal há traços contínuos e descontínuos. A título de ilustração, citamos o estudo de Graciosa (1991) – que focalizou a concordância verbal com sujeitos de terceira pessoa do plural com dados de falantes com nível superior completo do Projeto *Norma Urbana Culta (NURC)*, coletados na década de 1970 em cinco capitais brasileiras, selecionadas por seu grau de urbanização e de desenvolvimento –, no qual a não realização de flexão de número em verbos foi de 6% do total, sendo estes dados em contextos majoritariamente de baixa saliência fônica e de inversão da ordem canônica sujeito-verbo (SV) para a ordem verbo-sujeito (VS), contexto este em que a variante não padrão tem o percentual de 35%². Ao contrário, formas em que a diferença entre o singular e o plural é menos saliente no nível fônico podem ser consideradas como um traço *contínuo*, ao passo que as mais salientes, *descontínuo*.

No entanto, a saliência do plural é um traço associado à escolarização, e à escolarização é associada à urbanização: residentes das zonas mais afastadas dos grandes centros tradicionalmente têm menos acesso a instâncias que levam à aquisição de padrões linguísticos prestigiados. Em um contexto de expansão e crescimento urbano, como é o caso de Feira de Santana, os limites entre rural e urbano não ficam tão claros.

2 Aspectos sócio-históricos de Feira de Santana-BA³

Feira de Santana é o segundo município mais populoso do estado da Bahia, com 556.642 habitantes (IBGE, 2010), ficando atrás apenas da capital, Salvador, da qual dista 108 quilômetros. É o maior entroncamento rodoviário do Norte e Nordeste do Brasil, sendo atravessado por três rodovias federais, a BR-324, a BR-116 (Norte e Sul) e

² Estes contextos têm gerado resultados iguais em praticamente todos os estudos realizados com dados do PB no que tange à concordância verbal com a terceira pessoa do plural.

³ Há muitos estudos que tratam da sócio-história de Feira de Santana, podendo ser citados como pioneiros Poppino (1968) e Galvão (1982). Para este estudo, retomamos, principalmente, os estudos de Oliveira (2000, 2016), por apresentarem os impactos da vinda de muitos migrantes da zona rural para a sede do município de Feira de Santana, fornecendo bases para discutirmos os usos linguísticos rurais e urbanos e suas interferências mútuas na comunidade de fala de Feira de Santana.

a BR-101, o que faz com que pessoas de diferentes regiões do Brasil passem por Feira de Santana em viagens terrestres. Feira de Santana está entre “o sertão e o litoral” – às portas do semiárido baiano –, por onde passava a *Estrada das Boiadas*, caminho dos vaqueiros e tropeiros que conduziam o gado do sertão para ser vendido na maior Feira de Gado do estado (em Feira de Santana) e também para a região do Recôncavo Baiano.

Almeida (2012, p. 4) afirma que “as origens da sede do município de Feira de Santana remontam ao século XVIII e a um passado eminentemente rural, caracterizando-se por ser um lugar de pouso para viajantes, vaqueiros e suas boiadas, que vinham de toda a microrregião e até de outros estados”. A sua formação econômica e populacional foi promovida pela intensa migração de “nortistas” que se deslocaram de regiões do Norte e do Nordeste do Brasil, em um misto de dialetos e aspectos culturais.

Feira de Santana é conhecida como “Princesa do Sertão”, título que recebeu de Ruy Barbosa, quando de sua visita ao município em 1919, o que significa afirmar que o município se projeta como uma espécie de “segunda capital” do estado, com uma elite local, zeladora dos bens culturais urbanos e letrados, que recebeu grande fluxo de pessoas de “interiores menores” da Bahia e de outros estados nordestinos, com características eminentemente rurais.

Em fontes primárias diversas, como jornais, textos literários, cartas pessoais, despachos municipais e fotografias que circulavam na cidade de Feira de Santana no período de 1920-1960, Oliveira (2016) identificou a motivação de vários conflitos decorrentes do fato de “as elites baianas não se considerarem nordestinas”, como assinala Albuquerque Jr. (2016, p. 25) no prefácio do referido livro. Ao destacar grupos esquecidos nas narrativas oficiais e hegemônicas sobre a história da cidade, Oliveira (2016) evidencia que a diversidade faz parte do município, revelando interdições, silenciamentos que intencionavam ocultar a origem e cultura rurais, com o intuito de imprimir uma “aura” de capital à sede do município feirense.

O rótulo de cidade hospitaleira marca Feira de Santana e não é sem razão: a população do município quintuplicou em sete décadas, passando de eminentemente rural, na década de 1940, para eminentemente urbana, em 2010 (Tabela 1).

Tabela 1: Crescimento absoluto e relativo da população urbana e rural residente no município de Feira de Santana (1940 – 2010)

Anos	População residente					
	Total	% ⁽¹⁾	urbana	% ⁽¹⁾	rural	% ⁽¹⁾
1940	83.268	-	19.660	-	63.608	-
1950	107.205	28,75	34.277	74,35	72.928	14,65
1960	141.757	32,23	69.884	103,88	71.873	-1,44
1970	187.290	32,12	131.720	88,48	55.570	-22,68
1980	291.504	55,65	233.905	77,58	57.599	3,65
1991	406.447	39,43	348.973	49,20	56.875	-1,26
2000	480.949	18,33	431.730	23,71	49.219	-13,46
2010	556.642	15,74	510.637	18,28	46.007	-6,53

⁽¹⁾ Variação percentual com o período imediatamente anterior.

Fonte: Anuário Estatístico de Feira de Santana (2012).

Feira de Santana passa de uma cidade que nasceu sendo pouso de vaqueiros para uma cidade com um considerável crescimento populacional urbano, devido à vinda de pessoas de outras regiões interioranas, seja de municípios vizinhos ou de outros estados nordestinos. E este avanço populacional não se deu sem conflitos, pois foi relacionado ao aumento da criminalidade e tributado como uma ameaça à consolidação do título de segunda cidade do estado, passando a existir forte policiamento contra os novos moradores do perímetro urbano. O trecho seguinte, um despacho emitido por um juiz, ilustra a realidade vivenciada em Feira de Santana no ano de 1952:

Dizem que venho rebuscando velharias, eu – que estou aumentando com minhas próprias mãos, minha grande e assoberbante tarefa nesta trabalhosa Comarca, cujo índice de criminalidade dia a dia se torna mais acentuado, mais alarmante, porque ao lado do enorme crescimento da cidade, segundo os observadores a cidade que mais cresce no interior baiano –, infelizmente aumenta, cresce avultadamente, assustadoramente, a percentagem de delinquência (OLIVEIRA, 2016, p. 43).

A associação expressa no documento entre o aumento da criminalidade e o aumento da população urbana pode ser considerada uma tônica em diversas partes do Brasil, mas o que torna a situação de Feira de Santana peculiar é a associação dessa violência ao movimento migratório de sertanejos de outros estados nordestinos, conforme se depreende no trecho seguinte, extraído de uma notícia estampada no *Jornal Folha do Norte*, no ano de 1949:

O crime de domingo último. Domingo p. passado um bárbaro crime de morte abalou a cidade logo às primeiras horas da noite. O comerciante

Valmir Borborema, paraibano, de 32 anos de idade e aqui domiciliado há cerca de dois anos, matou um indivíduo em Campina Grande, sendo preso, julgado e condenado, evadindo-se da cadeia para vir fixar residência nesta cidade, como ultimamente vem fazendo os ladrões e assassinos acoçados pela polícia dos Estados do Norte (OLIVEIRA, 2016, p. 45).

Pessoas de origem rural que transitavam no espaço urbano do município também foram alvo de preconceito e discriminação, tal como acontecia com migrantes em Feira de Santana, e cujos porta-vozes eram, principalmente, os jornais que circulavam na cidade. Oliveira (2000, 2016) evidencia narrativas que intencionavam banir as práticas rurais na nova configuração que se queria na cidade, isto é, a de progresso industrializado e “urbanocêntrico”, algo que entrava em conflito direto com a origem rural do município. O trecho seguinte ilustra como a presença de vaqueiros – que estiveram presentes no espaço urbano desde o início do povoamento urbano de Feira de Santana – eram vistos como indesejados na cidade que pretendia consolidar-se com o título de “Princesa do Sertão”.

Em a segunda-feira última quando se realizava a feira de gado, o Sr. Felix Cerqueira de Almeida, morador do lugar Panelas, próximo a esta cidade, foi atropelado no Campo General Câmara, por vaqueiros que perseguiam atabalhoadamente, reses destacadas dos seus respectivos lotes. O pobre lavrador ficou muito contundido e os vaqueiros... talvez radiantes de jubilo pela desastrada e condenável exibição (OLIVEIRA, 2016, p. 114).

A notícia que circulou no *Jornal Folha do Norte*, no ano de 1952, apresenta os vaqueiros como ameaçadores, para não dizer perigosos e maldosos. São aqueles que atropelam pessoas e sentem-se felizes com isso. A solução seria banir os indesejáveis do perímetro urbano do município, como evidencia o trecho seguinte, extraído de Oliveira (2016, p. 116-117), que destaca que, no Código de Posturas, publicado no final da década de 1930, trabalhadores rurais mereceram uma atenção especial por parte dos autores da Constituição Municipal.

Sob o Título Transito Público (VI), no Capítulo Circulação Urbana (I), foram introduzidos alguns artigos que tinham como alvo direto os cavaleiros, no de número 119 estava fixado: “É vedado conduzir animais bravos, boiadas, tropas, manadas de porcos etc., pelas ruas da cidade”. No artigo seguinte, ficava ainda mais explícito o objeto da normatização: É terminantemente proibido: a) Correr a cavalo e conduzir animais em disparada pelas ruas e praças da cidade e das povoações do Município. b) Andar a cavalo, guiar ou reter animais por cima dos passeios. c) Amarrar animais às árvores, aos postes, gradis etc. (...). Pena – Multa de 20\$000 pela infração da letra a e 10\$000 pelas demais deste artigo.

Assim, a sede do município de Feira de Santana tem, em seu processo de constituição, a forte presença de migrantes vindos predominantemente de cidades pouco urbanizadas ou de zonas rurais. Os contatos e os conflitos ficam demarcados socialmente e, conseqüentemente, refletem na língua; daí a necessidade de investigar como se interseccionam os falares rurais e urbanos em Feira de Santana, município que pode ser considerado urbano, pois 82% da sua população vivem na sede, com alta densidade demográfica, com centro industrial e comercial desenvolvido⁴, e comparar estes usos com os de outro município plenamente desenvolvido, como a capital, Salvador, que foi incluída na amostra do NURC, nos anos 1970, por conta de sua expressividade econômica e urbanização. O uso variável da concordância verbal, principalmente com sujeitos de primeira e terceira pessoas do plural, por se comportar como traço descontínuo, é um fenômeno propício para a observação da interseccionalidade.

3 A concordância verbal em Feira de Santana no contexto de outras comunidades de fala do estado da Bahia

3.1 Notas metodológicas

O fenômeno da concordância verbal no PB, com todas as pessoas do discurso, é amplamente descrito, em diferentes comunidades de fala, inclusive em Feira de Santana (ARAUJO, 2014), mas, neste estudo, focamos a atenção para com a terceira pessoa do plural (P6). As sentenças (1) e (2) exemplificam, respectivamente, a variante padrão, com plural explícito, e a variante não padrão, com plural não explícito.

- (1) Os meninos *foram* ao sítio.
- (2) Os meninos *foi* ao sítio.

No entanto, esta diversidade de estudos é caracterizada por arranjos metodológicos únicos, considerando apenas o fenômeno e um recorte de comunidade, o que não permite, por exemplo, traçar generalizações mais amplas a respeito de uma trajetória de mudança. Uma proposta de hierarquização das evidências científicas, considerando a força da evidência e a probabilidade de erro costuma ser empregada para a avaliação de estu-

⁴ Critérios adotados pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para considerar um município urbano, ao contrário do que estabelece o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que considera “toda sede de município ou distrito, independentemente do tamanho e das características das atividades produtivas de sua população, uma área urbana” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 92).

dos nas áreas da saúde (GALVÃO; SAWADA; MENDES, 2003), mas que também pode ser transposta para outras áreas de investigação, incluindo a sociolinguística, e que pode auxiliar na consolidação de evidências para uma explicação sobre processos de mudança como no caso da concordância verbal.

No que diz respeito, por exemplo, ao processo de mudança linguística muitos estudos sobre a concordância verbal com a terceira pessoa do plural, realizados com dados de fala urbana e de pessoas com escolaridade até o nível médio de escolaridade, têm revelado uma variação estável. Os resultados tornam-se diferentes quando se investiga esse uso variável em comunidades rurais ou com dados de falantes com baixo ou nenhum nível de escolarização (VIEIRA, 1995; SILVA, 2003, 2005; ARAUJO, 2014, entre outros). Nessas comunidades falantes mais jovens tendem a fazer mais uso das marcas de plural nas formas verbais, sugerindo uma mudança em curso.

Nessa proposta de hierarquização, as evidências mais frágeis ou com forte margem de erro são aquelas baseadas em relatos observacionais de um único caso. É o que ocorre com os estudos individuais sobre concordância verbal em cada uma das comunidades, com seus critérios metodológicos únicos. A força da evidência aumenta se o relato for composto por um conjunto de relatos observacionais, como costuma acontecer em revisões narrativas (ou integrativas), em que são reportados resultados dos diferentes estudos individuais sobre concordância. A ampliação da força de evidência no caso de estudos observacionais de concordância verbal seria a revisão sistemática, em que os estudos são compilados de acordo com parâmetros pré-estabelecidos e com um objetivo específico, que, neste estudo, é responder a uma questão de pesquisa: no caso da concordância verbal, qual é o nível de uso da forma padrão? E um nível acima na forma de evidência está o estudo de meta-análise. Em linhas gerais, a revisão sistemática define uma questão de pesquisa, para a qual são selecionadas e sumarizadas as evidências empíricas de estudos a partir de critérios previamente definidos. A meta-análise é o uso de métodos estatísticos para consolidar os resultados de cada um destes estudos (SAMPAIO; MANCINI, 2007; FIELD; GILLET, 2010).

Para traçarmos os efeitos da sócio-história de Feira de Santana no comportamento da concordância verbal com a terceira pessoa do plural, realizamos os seguintes procedimentos:

- (i) Procedemos à busca de estudos de concordância verbal com a terceira pessoa do plural na Bahia, tendo como critério de busca o banco de dados da CAPES;

- (ii) Realizamos revisão sistemática para identificar a direção e a força do uso da variante, com o uso de técnicas estatísticas para recuperar estes resultados;
- (iii) Construímos um modelo de regressão com a concordância padrão em todos os estudos selecionados.

Para a recuperação dos resultados, retomados os dados tabulares apresentados ou com resultados de frequências ou com resultados inferenciais obtidos pelo método de regressão logística com pesos centrados (“pesos relativos”), que é o método empregado pelo programa Varbrul e versões subsequentes. Este resultado refere-se sempre àquela variável em questão, e cujo valor pode ser diferente do peso relativo do modelo original, que considera o efeito de todas as variáveis independentes computadas.

Para as especificidades deste estudo, que parte de resultados de estudos prévios, a consideração de percentuais ou de pesos relativos isoladamente, sem considerar o modelo como um todo, não seria uma evidência estatisticamente válida, pois a comparação de efeitos de cada um dos modelos depende do tamanho e magnitude da amostra.

Em termos práticos, um peso relativo é relativo a um modelo (conjunto de variável dependente e independentes) em uma amostra; o mesmo conjunto de variáveis, em outra amostra, pode apresentar variância na magnitude do resultado, e o efeito pode ser decorrente do tamanho da amostra. O mesmo vale para percentuais. Por este motivo, executamos procedimentos matemáticos para converter as frequências em contagens para realizar testes inferenciais de distribuição (qui-quadrado) e de força da associação (V^2 de Cramer para tabelas $n \times n$, e ϕ para tabelas 2×2) em cada uma das amostras dos estudos. O teste de distribuição de qui-quadrado (χ^2) mede a diferença entre a observação esperada e a realizada para variáveis categóricas. Já os testes de associação de V^2 e ϕ resultam em um número entre 0 e 1, cujo resultado indica a força de associação entre duas variáveis categóricas; quanto mais próximo de 1, maior a força da associação. Para ambos os testes (χ^2 e V^2 ou ϕ), o p-valor assumido foi de 0.05.

Os procedimentos quantitativos foram realizados na plataforma R (R CORE TEAM, 2020), utilizando o pacote base para a construção dos vetores de dados a partir das contagens dos estudos selecionados na revisão sistemática. As contagens foram convertidas em ocorrências e submetidas a tratamento estatístico inferencial para associação e força, com o pacote sjPlot v2.6.1 (LÜDECKE, 2018), e a construção do modelo de re-

gressão de meta-análise foi realizada pelo pacote ggstatsplot (PATIL, 2018). O script de análise dos dados, que torna reprodutível todas as tabelas e todos os gráficos deste artigo, está disponível em <https://osf.io/6zrwf/>.⁵

Seguindo a tendência dos estudos prévios, partimos da hipótese de que os habitantes das zonas mais afastadas dos grandes centros tiveram/têm menos acesso a instâncias que levem à aquisição de padrões linguísticos prestigiados, logo empregam mais formas verbais sem marcas explícitas de concordância sujeito-verbo, o que chamamos de concordância não padrão. A inclusão em um mesmo modelo de regressão o efeito de cada um dos estudos, considerando a magnitude e as especificidades dialetais e sociais de cada uma das amostras, possibilita um retrato mais apurado do ponto de vista estatístico.

3.2 Revisão sistemática

Para situar o efeito do contínuo rural-urbano na concordância verbal com a terceira pessoa do plural em Feira de Santana, partimos dos estudos de Araujo (2013, 2014, 2015), que consideram dados coletados nesse município, pertencentes ao acervo do projeto *A língua portuguesa falada no semiárido baiano – Fase 3*.⁶ A amostra aqui considerada é estratificada quanto à escolarização, com participantes analfabetos ou parcamente escolarizados (norma popular rurbana) e com participantes com ensino superior (norma culta); em três faixas etárias (faixa I: 25 a 35 anos; faixa II: 45 a 55 anos e faixa III: a partir de 65 anos) e pelos dois sexos, sendo todos feirenses filhos de feirenses e nascidos e residentes da zona urbana. Há um viés na estratificação da amostra: apenas os representantes da norma popular foram ainda estratificados como “feirenses filhos de feirenses” e “feirenses filhos de migrantes”.

O conjunto de dados de Araujo (2015) permite estimar o efeito das normas na concordância verbal em Feira de Santana (Tabela 2).

Tabela 2: Distribuição da concordância verbal com a terceira pessoa do plural quanto ao tipo de norma em Feira de Santana

	<i>Concordância verbal</i>		
	padrão	não padrão	<i>Total</i>
Norma culta	619 93.9 %	40 6.1 %	659 100 %

Norma popular urbana	119 27.9 %	307 72.1 %	426 100 %
Norma popular rural	97 21.6 %	352 78.4 %	449 100 %
Total	835 54.4 %	699 45.6 %	1534 100 %

$$\chi^2=730.183 \cdot df=2 \cdot V^2=0.690 \cdot p=0.000$$

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Araujo (2015).

Há uma forte associação ($V^2 = 0.690$) estatisticamente significativa entre o tipo de norma e a taxa de concordância: falantes da norma culta realizam mais a concordância padrão do que os falantes de norma popular urbana, que, por sua vez, realizam mais a concordância do que os falantes de norma popular rural; o que corrobora a hipótese de difusão do urbano culto para o rural, já evidenciada por estudos anteriores em outras comunidades de fala: por exemplo, Rodrigues (1987), que analisou a fala de migrantes, moradores da periferia de São Paulo (29% de concordância padrão); Vieira (1995), que estudou a fala popular do norte fluminense (38% de concordância não padrão), os quais trazem resultados que contrastam com os obtidos por Graciosa (1991), com amostra de dados do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), com 94% de concordância padrão na fala culta carioca.

No tocante à comunidade de fala de Feira de Santana, foco deste estudo, considerando o viés na constituição da amostra (todos os falantes de norma culta são feirenses), para verificar o efeito da comunidade externa no fenômeno da concordância, é necessário segmentar a amostra, considerando apenas a influência da migração, a partir do conjunto de dados utilizados no estudo de Araújo (2014) (Tabela 3).

Tabela 3: Distribuição da concordância verbal com a terceira pessoa do plural quanto à migração em Feira de Santana

	Concordância verbal		
	padrão	não padrão	Total
Filho de migrantes	105 24.1 %	330 75.9 %	435 100 %
Feirenses	119 27.9 %	307 72.1 %	426 100 %
Total	224 26 %	637 74 %	861 100 %

$$\chi^2=1.420 \cdot df=1 \cdot \varphi=0.043 \cdot p=0.233$$

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Araujo (2014).

A associação entre origem do falante e taxa de concordância, dentro do conjunto da norma popular (menor escolarização) não é estatisticamente significativa, sugerindo que o efeito maior, na comunidade de fala de Feira de Santana está relacionado à escolarização: aqueles que nascidos e residentes numa cidade com um forte passado rural – e que, tiveram, inevitavelmente, contato com os padrões comportamentais e linguísticos de pessoas que vieram de cidades menores ou da zona rural da circunvizinhança –, demarcam sua identidade por meio de um falar que os distancie da fala popular, evidenciado pela alta taxa de concordância padrão na fala desses indivíduos com ensino superior completo. Esse resultado nos fez questionar se, de fato, há efeito do contínuo rural-urbano no uso da concordância ou efeito da escolarização. Para dirimir esta questão, passamos a sistematizar os resultados de estudos sobre a concordância verbal em outras comunidades de fala da Bahia, considerando o efeito da escolarização e do contato de normas, nas medidas disponíveis em cada estudo.

Na região centro-sul da Bahia, o estudo de Silva (2005) considerou a concordância verbal com a terceira pessoa do plural em três comunidades com perfis diferentes quanto à urbanização: uma comunidade urbana, com amostras de dados coletadas na sede do município de Poções, que fica a 68,5 km de Vitória de Conquista, uma comunidade rural, Morrinhos, e uma comunidade afro-brasileira, Cinzento, que também foi considerada no estudo de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009).

Tabela 4: Distribuição da concordância verbal com a terceira pessoa do plural quanto ao perfil de urbanização no centro-sul da Bahia

	Concordância verbal		
	padrão	não padrão	Total
Escolarização precária	290 23.9 %	921 76.1 %	1211 100 %
Analfabeto	77 8.7 %	812 91.3 %	889 100 %
Total	367 17.5 %	1733 82.5 %	2100 100 %

$$\chi^2=82.000 \cdot df=1 \cdot \varphi=0.199 \cdot p=0.000$$

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Silva (2005).

O efeito da comunidade é estatisticamente significativo (Tabela 4), mas com fraca associação ($V^2 = 0.142$). Na mesma direção dos resultados encontrados em Feira de Santana, há associação entre a taxa de concordância padrão e o contínuo rural-urbano: a comunidade urbana realiza mais concordância verbal do que a comunidade rural, que, realiza mais concordância do que a comunidade afro-brasileira. Diferentemente da amostra de Feira de Santana, que contava com falantes com pouca escolarização (norma popular) e altamente escolarizados (norma culta), a estratificação de Silva (2005) considerou apenas falantes com pouca escolarização ou analfabetos (Tabela 5).

Tabela 5: Distribuição da concordância verbal com a terceira pessoa do plural quanto à escolaridade no centro-sul da Bahia

	Concordância verbal		
	padrão	não padrão	Total
Alta exposição	166 35.8 %	298 64.2 %	464 100 %
Média-baixa exposição	84 11.8 %	625 88.2 %	709 100 %
Total	250 21.3 %	923 78.7 %	1173 100 %

$$\chi^2=94.329 \cdot df=1 \cdot \varphi=0.286 \cdot p=0.000$$

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Silva (2005).

Mesmo dentro do conjunto do que equivaleria à norma popular, há diferenças quanto à concordância verbal padrão: falantes com escolarização precária usam mais a concordância padrão do que falantes analfabetos, associação estatisticamente significati-

va fraca a moderada. Mas, muito mais forte do que a escolarização, parece ser a exposição à mídia (tabela 6).

Tabela 6: Distribuição da concordância verbal com a terceira pessoa do plural quanto à exposição à mídia no centro-sul da Bahia

	Concordância verbal		
	padrão	não padrão	Total
Comunidade rural	216 27.1 %	582 72.9 %	798 100 %
Comunidade urbana	114 21.7 %	411 78.3 %	525 100 %
Total	330 24.9 %	993 75.1 %	1323 100 %

$$\chi^2=4.566 \cdot df=1 \cdot \varphi=0.061 \cdot p=0.033$$

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Silva (2005).⁷

O uso da concordância padrão está moderadamente associado ($V^2 = 0.286$) à exposição à mídia: a concordância padrão é mais recorrente entre os falantes que estão sujeitos à alta exposição à mídia do que entre aqueles com média-baixa exposição, e esta diferença é estatisticamente significativa. Este resultado indica contato de normas mediante exposição, e sugere que o efeito atribuído à escolarização não seja necessariamente efeito da escola, e sim de contato de normas e exposição às variantes de prestígio.

Mais próximo geograficamente de Feira de Santana, no Recôncavo da Bahia, Burgos (2015) considera o município de Cachoeira, a 120 km de Salvador e a 51 km de Feira de Santana, com amostras coletadas na sede, zona urbana, e no Povoado do Saco, zona rural do município.

Tabela 7: Distribuição da concordância verbal com a terceira pessoa do plural quanto à zona de residência dos falantes em Cachoeira

	Concordância verbal		
	Padrão	não padrão	Total
Ao menos seis meses	108 18.4 %	479 81.6 %	587 100 %
Nunca esteve fora	222 43.2 %	292 56.8 %	514 100 %
Total	330 30 %	771 70 %	1101 100 %

$$\chi^2=79.073 \cdot df=1 \cdot \phi=0.270 \cdot p=0.000$$

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Burgos (2015).

O efeito do contínuo rural-urbano em Cachoeira na concordância verbal é contrário ao que se encontra em Feira de Santana e no centro-sul da Bahia, com maior uso da concordância padrão na comunidade rural do que na urbana, com nula associação, embora estatisticamente significativa. O contato com outras normas, aferido pela variável *tempo fora da comunidade*, com moderada associação, também vai em direção contrária ao que sugerem os demais estudos: a concordância verbal padrão é maior dentre aqueles falantes que nunca estiveram fora da comunidade do que aqueles que tiveram experiência de ao menos seis meses fora (Tabela 8).

Tabela 8: Distribuição da concordância verbal com a terceira pessoa do plural quanto à estada fora da comunidade em Cachoeira

	Concordância verbal		
	padrão	não padrão	Total
Rio de Contas	98 24.2 %	307 75.8 %	405 100 %
Helvécia	58 15.5 %	316 84.5 %	374 100 %
Cinzento	117 12.6 %	810 87.4 %	927 100 %
Total	273 16 %	1433 84 %	1706 100 %

$$\chi^2=28.187 \cdot df=2 \cdot \text{Cramer's V}=0.129 \cdot p=0.000$$

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Burgos (2015).⁸

O efeito do isolamento é estatisticamente significativo mesmo em comunidades, por hipótese, mais isoladas, como é o caso das comunidades afro-brasileiras (LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009, p. 357) (Tabela 9).

Tabela 9: Distribuição da concordância verbal com a terceira pessoa do plural em comunidades afro-brasileiras da Bahia

	Concordância verbal		
	padrão	não padrão	Total
Rio de Contas	98 24.2 %	307 75.8 %	405 100 %
Helvécia	58 15.5 %	316 84.5 %	374 100 %
Cinzento	117 12.6 %	810 87.4 %	927 100 %
Total	273 16 %	1433 84 %	1706 100 %

$$\chi^2=28.187 \cdot df=2 \cdot \text{Cramer's } V=0.129 \cdot p=0.000$$

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Lucchesi, Baxer e Silva (2009).

Dentre as comunidades afro-brasileiras, Rio de Contas é a com mais abertura a contatos, com estrutura turística e atrativos naturais, que mobilizam maior fluxo de pessoas. Por outro lado, Cinzento é a comunidade mais restrita de contatos, com estrutura endogâmica e de difícil acesso. A distribuição da concordância verbal padrão tem associação fraca ($V^2 = 0.129$), mas estatisticamente significativa com a abertura da comunidade a contatos: a comunidade de Rio das Contas apresenta maior uso de concordância padrão do que a de Helvécia, que, por sua vez, apresenta maior taxa do que Cinzento.

Os resultados sistematizados apresentados, que caracterizam Feira de Santana e a sua aderência ao polo rural do contínuo rural-urbano, evidenciam que na concordância verbal com terceira pessoa do plural:

- (a) Existe efeito forte entre norma culta e norma popular em Feira de Santana;
- (b) O efeito do contato de normas por mobilidade não é significativo;
- (c) Há comunidades em que o efeito rural-urbano é estatisticamente significativo, como no centro-sul da Bahia e nas comunidades afro-brasileiras; e
- (d) Há comunidades, como Cachoeira, em que o efeito rural-urbano não é estatisticamente significativo.

Destacamos a diversidade de critérios de constituição de amostra e de estabelecimento de parâmetros de aferição dos efeitos (tempo na comunidade, exposição à mídia e mobilidade).

Passamos agora a comparar os resultados do fenômeno em Feira de Santana com uma comunidade que está na direção do polo urbano do contínuo rural-urbano: Salvador. Para observar a difusão da variante da concordância padrão no interior e na capital do

estado da Bahia, os resultados de Araújo (2013) são comparados com os resultados de Souza (2011), que tratou da concordância verbal na terceira pessoa do plural em uma amostra de dados do *Programa de Estudos do Português Popular (PEPP)*, e com os de Teixeira (2013), que tratou do mesmo fenômeno, mas com dados da amostra do projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*.⁹ Esses três estudos controlaram a variável faixa etária com os mesmos critérios, o que permite a comparação da difusão das variantes não só quanto ao contínuo rural-urbano, mas também em direção a uma mudança, com dados em tempo aparente.

Na norma culta, em Feira de Santana, a variante padrão está associada aos falantes mais jovens ($\chi^2=27.586$, $df=2$, $p=0.00$), enquanto em Salvador, a associação se dá na direção contrária, com a associação da variante padrão às faixas etárias mais altas ($\chi^2=189.131$, $df=3$, $p=0.000$), embora exista diferença entre a força da associação, fraca em Feira de Santana ($V^2 = 0.160$) e moderada em Salvador ($V^2 = 0.237$).

Já quanto à norma popular, a situação se inverte: em Feira de Santana, há associação entre a variante padrão da concordância e os falantes mais jovens ($\chi^2=24.204$, $df=2$, $p=0.000$), com força moderada ($V^2 = 0.239$), enquanto em Salvador, a associação é inexistente. A mudança em tempo aparente sugere efeito da sócio-história recente da urbanização de Feira de Santana, com um maior uso da variante padrão na fala dos mais jovens, ratificando a interpretação de mudança geracional da regra padrão de concordância verbal na fala popular, assim como em Salvador.

O modelo de regressão logística para verificar o efeito da faixa etária, da comunidade e do tipo de norma na realização da variante padrão da concordância verbal com os conjuntos de dados dos três estudos anteriores (ARAÚJO, 2013; TEIXEIRA; LUCCHESI; MENDES, 2013; SOUZA, 2011) tem poder explicativo moderado ($R^2 = 0.21$).

Tabela 10: Efeito da faixa etária, comunidade e tipo de norma, no uso da concordância padrão em modelo de regressão logística com o conjunto de dados dos três estudos considerados

	Variante padrão da concordância verbal			
	Razão de chances	β	estatística	<i>P</i>
(Intercept)	0.40	-0.92	-15.81	< 0.001
idade [45 a 55 anos]	0.94	-0.07	-0.90	0.370
idade [mais de 65 anos]	0.86	-0.15	-1.96	0.050
comunidade [Feira de Santana]	1.15	0.14	2.05	0.041
norma [popular]	8.21	2.11	32.15	< 0.001
Observações		5680		
R^2		0.206		

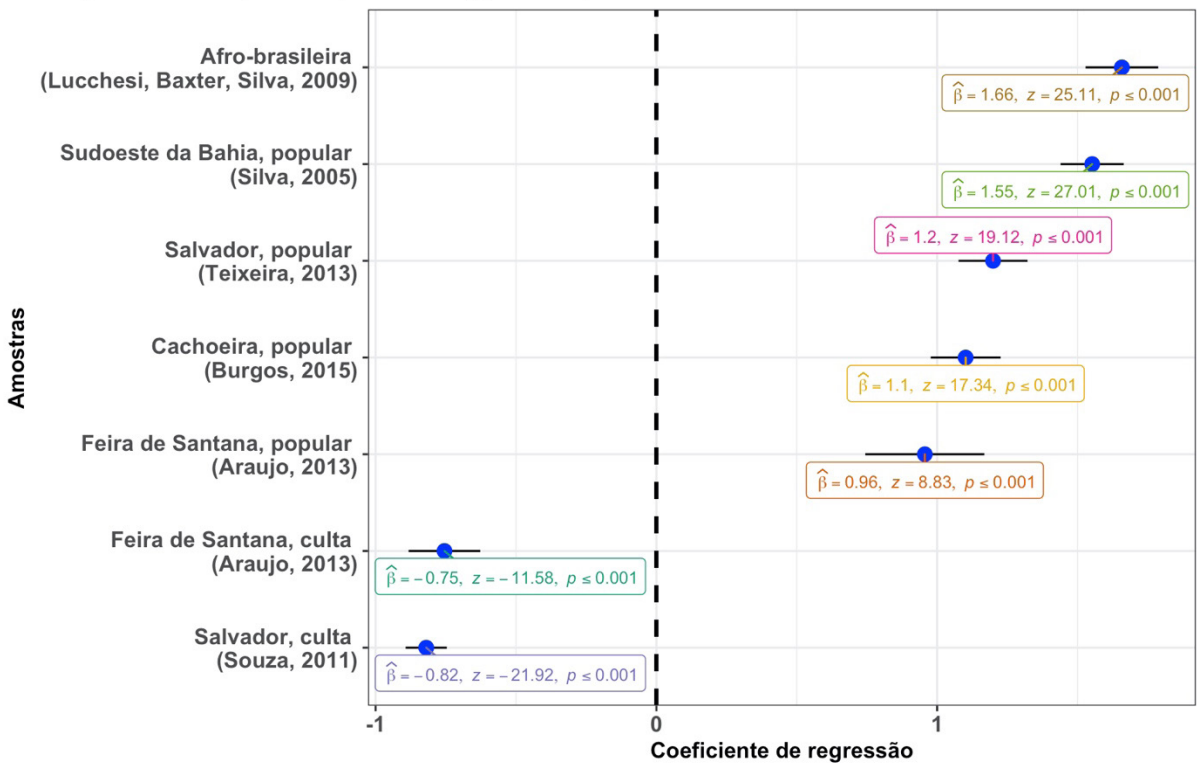
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Souza (2011), Araujo (2013), Teixeira; LUCCHESI; MENDES, (2013).

Em relação ao nível de referência (faixa etária 25 a 35 anos, comunidade Salvador e norma culta), os níveis da variável faixa etária não se mostram estatisticamente significativos, mas o efeito da comunidade e do tipo de norma sim, com maior força a norma popular.

Figura 1: Distribuição da variante padrão de concordância verbal com a terceira pessoa do plural, conforme o *continuum* de urbanização no estado da Bahia

Concordância padrão

Summary effect: $z = 1.77$, $p = 0.077$, $\hat{\beta} = 0.70$, $CI_{95\%} [-0.08, 1.47]$, $n_{effects} = 7$



Heterogeneity: $Q(6) = 2450$, $p = < 0.001$, $\tau_{REML}^2 = 1.09$, $I^2 = 99.67\%$

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de meta-análise.

Quando considerados em conjunto quanto ao tipo de norma e à comunidade (Figura 1), em uma meta-análise de uma regressão linear generalizada (fórmula = $VD \sim 1$), as amostras apresentam heterogeneidade considerável ($I^2 = 99,7\%$) entre si, com três padrões claramente distintos quanto à concordância padrão, que podem ser relacionados

ao tipo de norma e urbanização das comunidades:

- A norma culta e urbanizada em Feira de Santana e Salvador estão associadas à concordância verbal padrão;

- A norma popular, rurbana geograficamente circunscrita, como em Cachoeira, e em situações de menor escolarização, como Feira de Santana e Salvador, em estágio intermediário de associação à concordância verbal padrão;

- A norma popular rural, em comunidades rurais, como no centro-sul da Bahia, e em comunidades afro-brasileiras em estágio pouco associado à concordância verbal padrão.

O nível de difusão da variante padrão em diferentes variedades do português falado na Bahia aponta ainda para uma realidade bipolarizada quando se consideram variedades-extremo, a saber, o português rural afro-brasileiro e o português urbano culto (cf. LUCCHESI, 2015). Por sua vez, identificamos também um *continuum* quando se passa de comunidades rurais a rurbanas. Não foram identificadas diferenças significativas quando se compararam os resultados da norma popular de Salvador (capital do estado) e Feira de Santana, mesmo esta cidade tendo tido uma presença forte da cultura rural. Os resultados quantitativos se alinham à percepção da própria comunidade, que é orientada para o *prestígio/status* e não para a *identidade*.

A força identitária das normas linguísticas não se faz apenas endocentricamente, mas também exocentricamente. Assim como há uma tendência dos falantes a se acomodar às práticas linguísticas normais de seu grupo social (e isso pode se transformar em motivo de orgulho e, eventualmente, em fator de resistência a processos sociais sentidos como ameaçadores ao grupo), o desejo de se identificar com outro(s) grupo(s) ou a própria pressão das redes de relações sociais externas ao grupo podem levar os falantes a buscar o domínio de outra(s) norma(s). (FARACO, 2008, p. 41)

Quanto à norma culta, no caso de Feira de Santana, os membros da elite evitaram a influência de falares rurais, a fim de demarcarem a sua condição de letrados, a sua identidade, também por meio de um falar que os distancie da fala popular. O excerto a seguir é extraído da entrevista de um homem de Feira de Santana da faixa II, engenheiro civil e professor universitário, que ilustra o quanto as pessoas escolarizadas policiam-se para evitar a ausência da concordância, cometendo, por vezes, hipercorreções, como a que se constata abaixo, quando o entrevistado interrompe o entrevistador para fazer uma “correção” na sua própria fala:

INF: E retorno aos pontos... onde me marcou e marcam ainda muito: o mercado, feira livre... ainda gosto de fazer feira.

DOC: Hum-hum.

INF: Vou ao... a ... Centro de Abastecimento.

INF: E gosto de tá ali na feira, escolhendo os artigos, os preços e... convivendo num... naquele meio... que *tá* na minha raiz, nas minhas lembranças.

DOC: Hum-hum.

INF: A feira livre...

DOC: E...

INF: *Estão*, aliás.

Fonte: Entrevista pertencente ao acervo linguístico do Projeto “A língua portuguesa do semiárido baiano – Fase III”.

A ausência de marcas de número em formas verbais é avaliada negativamente na comunidade, sendo uma forma estigmatizada e envolta de preconceito. Essa percepção expressa pelo falante reflete as mudanças ocorridas no Brasil a partir da década de 1930, com processos de urbanização e de industrialização, consolidados principalmente na década de 1950, e que alteraram a estrutura social no Brasil, levando a ocorrer, por exemplo, um amplo quadro de êxodo rural, além e outros deslocamentos, haja vista que os núcleos industriais e urbanos no Brasil não foram distribuídos de maneira igualitária, havendo, na verdade, “ilhas de industrialização e de urbanização”, com diversos deslocamentos populacionais motivados por oportunidades de trabalho e estudo. As mudanças sociais levaram a alterações na realidade sociolinguística no Brasil, com processos de variação e mudança que, para alguns grupos, demonstram a adoção de formas prestigiadas e, para outros, de formas desprestigiadas.

Em Feira de Santana, os resultados em tempo aparente mostram que são os mais jovens que fazem mais uso da variante padrão da concordância verbal, sugerindo que, no passado, o uso de marcas de plural nas formas verbais deveria ser menos frequente. Já em Salvador, os resultados indicam que, ao contrário, são os mais velhos que fazem uso da variante padrão. Considerando a distribuição do traço da concordância verbal padrão no português falado na Bahia, desde comunidades com maiores índices de isolamento a até outras com maiores níveis de interações, com redes de contatos diversos, até mesmo, com

o universo letrado, demonstramos o efeito dos processos de urbanização e de industrialização, sinalizado pelo traço da concordância verbal no PB.

Conclusão

A perda da morfologia flexional relacionada às regras de concordância verbal é, sem dúvida, um dos traços linguísticos que caracterizam as variedades populares do PB. E a não utilização da regra padrão de concordância verbal com a terceira pessoa do plural, nas comunidades de fala urbanas, é um estereótipo sociolinguístico, sendo avaliado, por falantes escolarizados em comunidades urbanas, como algo típico da fala de pessoas da zona rural ou de não escolarizadas.

Nos dias que correm, é praticamente impossível encontrar comunidades cujos moradores não interajam com pessoas com padrões socioeconômicos, históricos e linguísticos diferentes dos seus. Os avanços das novas tecnologias tornam praticamente impossível haver comunidades rurais no Brasil com moradores que não ouçam rádio, não assistam à televisão, não usem internet ou não viagem para regiões urbanas. É muito difícil encontrar níveis altos de isolamento linguístico no Brasil, mesmo em comunidades rurais, inclusive as marcadas etnicamente. No entanto, os resultados da meta-análise apontam que existem fronteiras geográficas e sociais bem demarcadas no Brasil quanto ao uso da língua, e o traço da concordância verbal padrão tem comportamento estável nas diferentes comunidades. A diversidade de métodos e de amostragens pode ser neutralizada com a adoção de procedimentos estatísticos para um estudo de meta-análise, sem o qual não seria possível dar validade científica à percepção das diferenças.

Quanto aos objetivos deste texto, os resultados evidenciam que a sócio-história do município de Feira de Santana, com recente e acelerado crescimento urbano, exerce influência no uso atual das marcas de concordância de número em formas verbais, o que demonstra o peso de questões sociais no uso de formas alternantes do nível morfossintático. Uma análise que considerasse apenas as frequências absolutas levaria à interpretação de que o contínuo rural-urbano seria o fator mais atuante, já que o uso padrão cresce progressivamente a partir dos dados dos residentes da zona rural com baixa ou nula escolarização, perpassando pelos dados dos residentes na periferia da sede do município também com baixa ou nula escolarização, até atingir os maiores percentuais na fala dos escolarizados com nível superior de escolarização e residentes na sede do município. Entretanto, uma análise mais aprofundada, com uso de testes estatísticos revelou que o fator mais importante é a escolarização e não a questão da diazonalidade.

Como se dariam os resultados em outras regiões da Bahia? Resultados de pesqui-

sas realizadas no centro-sul baiano foram analisados por meio de testes estatísticos e demonstraram que há uma associação, embora fraca, entre diazonalidade e concordância verbal com P6 nos dados da fala popular, mostrando um processo de difusão da variante padrão a partir da zona urbana, de modo que os falantes das comunidades afro-brasileiras usariam menos a variante padrão em relação aos dados dos residentes na zona urbana, que, por sua vez, usariam mais que os da zona rural não marcada etnicamente, mesmo sendo todos participantes das três comunidade representantes da norma popular. De modo interessante, os resultados mostraram que os que frequentaram a escola, mesmo que pouco, usavam mais marcas de concordância plural. Essa constatação já levou a suspeitar que o que realmente estaria atuando seria o contato com a variante de prestígio e não necessariamente a aprendizagem da norma padrão possibilitada pelo contato com a escola. Essa hipótese foi confirmada pela forte associação revelada por meio da variável *exposição à mídia*.

Relacionando os resultados com a sócio-história do português falado no município de Feira de Santana, os resultados obtidos por meio da meta-análise trouxeram resultados interessantes no que concerne ao processo de mudança linguística. Com as mesmas faixas etárias, os dados da norma culta em Feira de Santana e Salvador mostraram resultados diferentes. Faixa etária mais jovem está associado ao uso padrão em Feira de Santana, enquanto que, na capital, à faixa etária mais alta. O passado eminentemente rural de Feira de Santana, com acesso ao universo de escolarização mais tardio, parece ter influenciado que os que recentemente tiveram acesso à norma padrão veiculada na escola façam uso da variante prestigiada, negando as suas raízes rurais.

A consideração do estudo de Burgos (2015), com dados gravados em Cachoeira, mostrou que o efeito rural-urbano não é estatisticamente significativo. Nesse sentido, sendo um município que ainda preserva muito da cultura rural, com menores índices de urbanização, reforça o peso da recente urbanização em Feira de Santana para que as variantes não prestigiadas sejam preteridas.

Os resultados obtidos com este estudo chamam, pois, atenção para a necessidade de serem realizados estudos que analisem o peso das redes de contatos no processo de variação/ mudança linguística, bem como para o uso de ferramentas estatísticas para a comparação de resultados.

Referências

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX). *Tabuleiro de Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da UNEB, Salvador*, n. 4, 2012. Disponível em:

http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo012.pdf.

Acesso em: 19 mai. 2020.

AMARAL, Amadeu. *O Dialeto caipira*. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, 1976.

ANJOS, Sandra Espínola. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses*. 1999. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro. *Papia* (Brasília), v. 22(1), p. 91-110, 2012.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Estudo comparado dos padrões de uso da concordância verbal em Feira de Santana e Salvador. In: Norma da Silva Lopes; Lígia Pelon de Lima Bulhões; Lúcia Maria de Jesus Parceró (Org.). (Org.). *Salvador, sob o olhar da Sociolinguística*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013, v. 1, p. 109-142.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2014.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. O projeto A língua portuguesa no semiárido baiano – fase 3: critérios de constituição e da amostragem do banco de dados. In: FREITAG, Raquel, Meister. *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014, p. 16-20.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal na fala culta e popular do português brasileiro. In: KRAGH, Kirsten Jeppesen; LINDSCHOUW, Jan. (Org.). *Les variations diasytématiques et leurs interdépendances dans les langues romanes*. Strasbourg: Éditions de linguistique et de philologie (ELiPhi), 2015, v. 1. p. 281-292.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador: EDUFBA, 1989.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The Urbanization of Rural Dialect Speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SILVA, Maria da Guia Taveiro; CAXANGÁ, Maria do Rosário Rocha; LINS, Maria Vieira. Raízes sociolinguísticas do analfabetismo no Brasil. In: *Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa*, v. 04, 2008. p. 215-234.

BURGOS, Luiz Eduardo. *A variação na concordância verbal no português popular do Município de Cachoeira BA*. 2015. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Universidade

Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CENSO DO IBGE (2010). Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/ba2010.pdf. Acesso em 27 nov. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FIELD, Andy P.; GILLET, Raphael. How to do a meta-analysis. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, v. 63, n. 3, p. 665-694, 2010.

FREITAG, Raquel M. K. *Como fazer meta-análise com dados sociolinguísticos?*. Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/meta.html/>, 2020 Acesso em: 23 mai. 2021.

GALVÃO, Cristina Maria; SAWADA, Namie Okino; MENDES, Isabel Amália Costa. A busca das melhores evidências. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 37, n.4, p. 43-50, 2003.

GALVÃO, Renato de Andrade. Os povoadores da região de Feira de Santana. *Stientibus*, Feira de Santana, v.1, n. 1, p. 25-31, jul./dez. 1982.

GANDRA, Ana Sartori. A concordância verbal no português europeu rural. In: OLIVEIRA, Klebson; Cunha e Souza, Hirão F.; Gomes, Luís (Org.). *Novos tons de rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 142-161.

GRACIOSA, Diva Maria Dias. *Concordância verbal na fala culta carioca*. 1991. 100 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Prefácio de Antônio Cândido. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. Cap. 14, p. 331-371.

LÜDECKE, Daniel. *sjPlot - Data Visualization for Statistics in Social Science*. Disponível em: <https://www.rdocumentation.org/packages/sjPlot>, 2018. Acesso em: dia mês. ano.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. 2001. 99f. Dissertação (Mestrado em

- Lingüística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. 2009. 228 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MONTE, Alexandre. *Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do português brasileiro e do português europeu*. 2012. 171 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2012.
- MONTE, Alexandre. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of syntactic change. *Language*, v. 57, n.1, p. 63-98, 1981.
- NINA, Terezinha de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na Microrregião Bragantina*. 1980. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), PUC-RS, Porto Alegre, 1980.
- OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. *De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- OLIVEIRA, Clóvis F. R. M. *Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias, silenciamentos, 1920-1960*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia-EDUFBA, 2016.
- PATIL, Indrajeet. *ggstatsplot: “ggplot2” based plots with statistical details*. Disponível em: <https://www.rdocumentation.org/packages/ggstatsplot/versions/0.5.0>. 2018. Acesso em: 26 jan. 2021.
- PEREIRA, Deize Crespim. *Concordância Verbal na língua nas trilhas das bandeiras paulistas*. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.
- PROJETO A LÍNGUA PORTUGUESA DO SEMIÁRIDO BAIANO – FASE 3: A LÍNGUA FALADA EM FEIRA DE SANTANA. Disponível em: http://www2.uefs.br/nelp/fases_subprojetos.htm. Acesso em: 20 jul. 2020.
- PROJETO CORPUS ELETRÔNICO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO SERTÃO (CE-DOHS). Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/cedohs/corpora_o.html. Acesso em: 10 jul. 2020.
- RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. *A concordância verbal no português popular em*

São Paulo. 1987. 259f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1987.

RUBIO, Cássio Florêncio. *Padrões de concordância e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. 392 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto, 2012.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, v. 11, p. 83-89, 2007.

SANTANA, José Humberto dos Santos; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. Documentação do português falado em comunidades rurais afro-brasileiras de Sergipe: patrimônio e memória. *Palimpsesto*, v. 17, n. 28, p. 121-138, 2018.

SANTANA, José Humberto dos Santos; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. Documentação do português falado em comunidades rurais afro-brasileiras de Sergipe: procedimentos metodológicos. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, v. 28, n. 2, p. 219-237, 2018a.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-114.

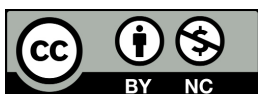
SILVA, Jorge Augusto Alves da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SOUTHALL, Aidan. *Urban Anthropology*. New York: Oxford University Press, 1973.

SOUZA, Constância Maria Borges de. A concordância verbal variável no português dos Tongas. *Papia*, v. 2, n. 21, p. 183-193, 2011.

TEIXEIRA, Suelem Cristina Cunha; LUCCHESI, Dante; MENDES, Elisângela Passos. A concordância verbal no português popular de Salvador: uma amostra da variação linguística na periferia da capital baiana. *Entrepalavras*, v. 3, p. 251-275, 2013.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do norte fluminense*. 164f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.



Data de submissão: 30/07/2020

Data de aceite: 13/09/2021